

APESAR DE...DEMOS A VOLTA POR CIMA, UM ESTUDO SOBRE O EMPODERAMENTO DE MULHERES IDOSAS .

Mirian Teresa de Sá LEITÃO MARTINS *
UNICARIOCA

Resumo

Este estudo é um estudo descritivo, de natureza qualitativa e oportuniza uma análise da autogestão de mulheres idosas após a inserção em um Grupo sócio-educativo em um Programa de Atenção à Pessoa Idosa em uma Universidade Pública Federal. Aborda também os significados que são atribuídos à educação pelos sujeitos da pesquisa. Foi aplicada em um grupo de 10 mulheres, individualmente, uma entrevista semi-estruturada, nas dependências do referido Programa. Como resultado desse estudo, identificamos as seguintes categorias: o estudo e o desvendar do mundo, o estudo possibilitando o aumento da participação social e a autogestão.

Palavras Chave: autonomia, empoderamento, gênero, idosa, mulher.

Abstract

This study is a descriptive study, of qualitative nature and possibility an analysis of the self management of aged women after the insertion in a Program for aged people in a Federal Public University. It also approaches the meanings that are attributed to the education for the citizens of this research. A structuralized half interview was applied in a group of 10 aged women in the dependences of the related Program. As result of this study, we identify the following categories: the study and unmasking of the world, the study making possible the increase of the social participation and the self management.

Key Words: autonomy, empowerment, elder woman.

*Professora do Curso de Pedagogia da UNICARIOCA
e-mail: mirianteresad@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Hoje no Brasil percebemos um aumento significativo da população idosa, cerca de 9% da população é formada por idosos. O que gera a necessidade de produção de conhecimento e ações que envolvam esse segmento populacional.

Na atualidade o maior contingente de idosos é composto pela população feminina. Essas idosas nasceram em uma época em que na sociedade o papel da mulher estava direcionado para exercer funções no espaço doméstico, marcada por uma assimetria entre os sexos e dominação masculina. Esta forma de organização da sociedade, pautada por relações de subalternidade iniciadas em casa na relação com o pai e transferida, após o casamento, para o marido, influenciaram de forma significativa que as mulheres idosas tivessem pouquíssimas possibilidades de acesso a educação, ao trabalho, enfim a uma maior autonomia.

Moraes (2002) enfatiza que, a dominação masculina influencia principalmente a visão que as mulheres têm de si mesmas. E identifica às das classes economicamente desfavorecidas como as que mais sofrem essas influências.

Compreendemos como uma forma de exclusão e opressão, tanto social, como de gênero a ausência ou a precariedade do acesso à educação proveniente de uma sociedade desigual, o que caracteriza o perfil da população idosa. Em se tratando da população idosa os estudos sociodemográficos têm apontado que o percentual dos que não sabem ler ainda é significativo, ou seja, 33.2% dessa população não sabem ler (Veras, 2003).

Nas décadas de 30 e 40, época que nasceram as pessoas que hoje são idosas, o acesso à escola era muito restrito, devido às características sociais e as políticas públicas educacionais. As práticas femininas estavam vinculadas à percepção tradicional acerca da posição da mulher no mundo, na família e no trabalho.

Essa exclusão fica ainda mais marcante quando nos referimos à mulher idosa. Por existir uma correlação entre os baixos níveis de escolaridade e os proventos recebidos nessa fase da vida. Para uma melhor compreensão do fato, assumimos a concepção de Peixoto (2005) de que o acesso à escola está intimamente relacionado às melhores oportunidades de emprego, aumento de renda e para as classes populares à possibilidade de mobilidade social.

A possibilidade de acesso à educação, entendida como um processo dinâmico, contínuo, que proporciona crescimento e desenvolvimento, é considerado como um instrumento de mudanças, tanto a nível pessoal, como social, que pode se dar em outros espaços além da escola, onde exista a reflexão (Brandão, 1994).

Segundo Freire (2001), desenvolver a consciência crítica é um meio vital para a obtenção do poder. Para o autor isto é possível a partir de uma educação reflexiva, que preconize o desenvolvimento do pensamento crítico. Dentro dessa perspectiva nos aproximamos da categoria de “empowerment” ou empoderamento.

“Empoderamento” é um conceito originário das ciências políticas, que surgiu a partir dos anos 70 da luta de movimentos organizados pelos direitos civis e do movimento feminista. Na década de 70, um grupo intitulado Women in Development (WD) iniciaram a análise do conceito de poder e de empoderamento dentro do movimento feminista (Iorio, 2002).

Labonte (1989) denomina de “empowerment education” a efetivação de um modelo pedagógico que possa contribuir para a emancipação do sujeito através do pensamento crítico e estímulo a ações que objetivem a superação das estruturas ideológicas de opressão.

Muitas ações são desenvolvidas em diferentes programas de atenção à pessoa idosa e nas Universidades da Terceira Idade, com o objetivo de proporcionar uma maior autonomia e cidadania para esse segmento populacional.

As mulheres que foram sujeitos desse estudo freqüentam um grupo sócio-educativo pertencente a um Projeto de atenção à pessoa idosa, em uma Universidade Pública Federal. Nesse Centro de Convivência são realizadas inúmeras atividades, tanto reabilitativas como sócio-educativas. As participantes quase que em sua totalidade pertenciam às classes economicamente desfavorecidas, com no máximo até 3 anos de escolaridade, e viveram ao longo de suas vidas situações de opressão e dominação por parte de seus companheiros (sendo que duas das entrevistadas foram vitimadas durante muitos anos).

O presente trabalho teve os seguintes **objetivos**:

- . Descrever os significados atribuídos pelas mulheres idosas ao processo educativo.
- . Analisar as formas de autogestão alcançadas pelas mulheres idosas após sua inserção no processo educativo.

MÉTOD

Este estudo tratou-se de um estudo com abordagem dos aspectos qualitativos do objeto Segundo Trivinos (1992), este possibilita aprofundar a análise nos limites de uma realidade específica e permite caracterizar uma situação pela descrição tanto dos fatos como dos fenômenos que os compõe. Permite responder as questões relativas “ao modo e causa de acontecimentos” de certos fenômenos.

A opção pelo estudo descritivo deveu-se ao fato de que pretendi investigar profundamente e analisar intensivamente os fenômenos que constituem o objeto de estudo, com vistas a estabelecer generalizações sobre a população estudada.

Sobre a pesquisa qualitativa Minayo afirma que:

(...) trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, com valores, crenças, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalidade de variáveis (MINAYO, 1999, p.22.).

A população alvo foi de 10 mulheres idosas que estão inseridas em um grupo sócio educativo, em um Centro de Convivência de Idosos pertencente a Hospital Escola de uma Universidade Pública Federal do município do Rio de Janeiro. Este quantitativo foi determinado pelo ponto de saturação teórica, ou seja, no momento que as respostas se tornaram repetitivas.

O Centro de Convivência possui uma equipe multidisciplinar formada por profissionais de nível superior e médio e por um grupo de voluntários. Conta com a assistência de enfermeiros, de uma médica geriatra, terapeuta ocupacional, técnicos de enfermagem, entre outros profissionais. Desenvolve atividades educativas (apoio escolar e alfabetização), recreativas e de assistência e pesquisas a partir da prática assistencial ao idoso.

A aquiescência das colaboradoras da pesquisa foi documentada através de consentimento informado, obedecendo a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as Diretrizes e Normas de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos.

O instrumento de pesquisa foi a entrevista semi-estruturada. O roteiro de entrevistas constava de perguntas abertas com o objetivo de investigar dados pessoais como: idade, renda familiar, estado civil, escolaridade e conhecer a vida dessas idosas e o significado que elas atribuíam à educação.

A segunda parte da entrevista, perguntamos detalhadamente as transformações que ocorreram na vida das entrevistadas após a inserção no Grupo sócio-educativo. Os dados foram coletados nas dependências do referido Centro de Convivência, respeitando-se a privacidade e o anonimato dos sujeitos.

Objetivando atingir os significados manifestos e latentes do material coletado optei pela análise temática, técnica da análise de conteúdo. Para tanto executei os seguintes passos recomendados por Bardin. Ao término de cada entrevista os depoimentos foram imediatamente transcritos. Em seguida procedi à leitura flutuante do conteúdo coletado e identifiquei as unidades de significação que deram origem as seguintes categorias temáticas: **o estudo e o desvendar do mundo, o estudo possibilitando o aumento da participação social e a autogestão**. A categoria **autogestão**, foi subdividida nas seguintes subcategorias: **O fortalecimento da capacidade de gerenciar sua própria vida e a melhoria da condição cognitiva proporcionando autonomia**.

Apresentação dos resultados

No tocante a primeira categoria: **o estudo e o desvendar do mundo**, esta pode ser identificado nos seguintes depoimentos:

“Significa tudo na vida, cultura (...) tendo cultura, tem tudo, não fica marcando passo, serve par ampliar o saber, tudo, o conhecimento” (idosa, 76 anos).

“Hoje é cada vez mais importante, a pessoa que não sabe ler é como cega...” (idosa, 78 anos).

Outra subcategoria foi: **o estudo possibilitando o aumento da participação social**.

As depoentes expuseram nos seus relatos a importância do estudo na participação social. Essa possibilidade que se abre para elas está presente nas seguintes falas

“(...) quando se sabe ler e escrever tem mais consideração, pode se reunir , pode participar de tudo” (idosa, 68 anos).

“(...) o estudo é bom ajuda a pessoa ficar sabendo mais, como agir... se sente uma pessoa que entende mais, a entrar e a sair de qualquer lugar” (idosa, 72 anos).

A participação social não é só para essas mulheres idosas fazer parte de um grupo, é *estar* realmente fazendo parte de um contexto, podendo romper com a invisibilidade social

A segunda categoria identificada foi: **a autogestão**.

O processo educacional vai contribuir na construção **da autogestão**, na capacidade do sujeito de criar seus próprios caminhos Será um instrumento de promoção de mudanças, tanto a nível pessoal, como social, que pode se dar em outros espaços além da escola, onde exista a reflexão. Este processo está representado na fala das entrevistadas:

“É tão bom ler e escrever, porque a gente sai, pode pegar uma condução. Antigamente era terror, agora eu saio rodo à bessa. E meu filho fez cartão Sendas, isso tudo é porque a memória está boa, estudo ajuda, porque antes não tinha orientação” (idosa, 78 anos).

Para compreendermos as possibilidades de emancipação, de autonomia das mulheres que foram objeto desse estudo, a partir do processo educativo, dialogamos com os pressupostos educacionais na perspectiva de Paulo Freire, que pensa na emancipação dos sujeitos através da autonomia, do conhecimento e do conceito de empoderamento de autores como Francescato (1998) e Vasconcelos (2001).

Segundo Vasconcelos (2001), o empoderamento pode ser definido como o “(...) aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais, principalmente daqueles submetidos à relações de opressão e dominação social (Vasconcellos, 2001, p.5).

Concebemos o empoderamento como um processo de construção da autonomia, da autogestão que deve potencializar o desenvolvimento dos cidadãos, em especial os menos privilegiados. Seja por causa de sua idade, sexo, renda, ou nível de escolaridade. Identificamos assim essa possibilidade na seguinte fala:

“O estudo ajuda, o grupo esclarece, eu aprendi muita coisa, antigamente eu tinha certo receio, agora estou mais ativa, desembaraçada, faço eu sozinha os cheques. Eu não aborreço meu filho para nada” (ídosa, 78 anos).

A partir dessa categoria identificamos as seguintes subcategorias:

O fortalecimento da capacidade de gerenciar sua própria vida, que está representado nas seguintes depoimentos:

“Agora eu já estou escrevendo meu nome, foi muito importante para mim, porque a gente sai, pode pegar uma condução, antigamente não sabia, pegava pela cor, era terror...” (ídosa, 72 anos).

“Antigamente eu tinha certo receio, agora com o estudo estou mais ativa, desembaraçada, faço tudo sozinha, preencho os cheques, eu não aborreço meu filho para nada” (ídosa, 76 anos).

E a melhoria da condição cognitiva proporcionando autonomia. No aspecto cognitivo há um ganho propiciado pelo estudo. Este auxilia as seguintes funções: memória, análise e raciocínio. Estando com essas funções plenas as entrevistadas podem tomar decisões.

A capacidade de analisar de forma crítica sua realidade é particularmente importante nas situações de desigualdade, nas quais os indivíduos internalizaram crenças sobre sua própria identidade e poder, em potencial.

Pois algumas mulheres ao internalizarem a opressão e a dominação masculina que vivenciam no seu dia-a-dia, passam a ter uma percepção desvalorizada acerca de si mesmas. Este processo é um dos fatores que contribuem para as desigualdades entre homens e mulheres e dificultam que elas possam efetivamente ter a capacidade de decisão sobre suas próprias vidas.

“Quando meu marido era vivo ele fazia tudo, eu nem sabia mexer em cheque, em conta. Ele dizia que quando morresse eu não saberia fazer nada sozinha. No início eu estranhei, mas agora eu estou fazendo tudo...” (ídosa, 78 anos).

O trabalho desenvolvido no grupo sócio-educativo proporciona a essas idosas um maior empoderamento. Este processo se dá através de um aumento de poder pessoal nas questões referentes à sua realidade.

“Eu vi estudar para aprender melhor, para fazer anotações de tratamento de cabelo, antes eu dependia da minha filha. Graças a Deus eu agora consigo fazer sozinha. Eu sofria preconceito por não saber ler bem” (ídosa, 63 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conquista da autonomia para a mulher está intimamente relacionada com a conquista de uma maior auto-estima. Nessa construção as informações sobre seus direitos, a potencialização do seu desenvolvimento diminui a sua submissão, reduzindo a sua discriminação.

A partir das entrevistas que realizamos ficou evidente que a inserção no processo educativo é extremamente significativa, pois as permitiu entender melhor o mundo ao seu redor, fortaleceu sua auto-estima, aumentando sua participação e favoreceu a busca por outros espaços na sociedade.

Ao longo desse estudo, o que foi percebido é que o acesso a informação e ao conhecimento contribui para a participação social e abriu a possibilidade de discussão de questões referentes a suas vidas, com seus pares. Além de potencializar sua capacidade cognitiva, proporcionou-as uma autogestão. Elas puderam gerar seu próprio desenvolvimento.

A partir dos resultados desse estudo acreditamos que a educação, a participação no grupo sócio-educativo, onde são realizadas atividades de: alfabetização, “reforço” escolar e reflexão de temas (direitos do idoso, política, o papel da mulher idosa na família e na sociedade, entre outros), permitiu à elas a construção de uma maior autonomia, aumentou a capacidade cognitiva, funcional e propiciou analisar criticamente a realidade.

Finalmente é interessante observar que a autogestão conquistada facilitou o empoderamento dessas mulheres, Já que fortalecer o emponderamento é possibilitar que a pessoa assuma o poder sobre seu próprio destino.

BIBLIOGRAFIA.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 20, 1979, 232 p.

BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1999, 150 p.

BRANDÃO, C. Saber e Ensinar: três estudos de educação popular. Campinas: Ed. Papyrus, 1994, 187 p.

IBGE-2000 site: <http://www.ibge.net/home/estatistica/populacao/perfildamulher> (acessado em setembro de 2005)

IORIO, C. Algumas considerações sobre estratégias de empoderamento e de direitos. Action Aid, International Workshop Empowerment and Rights Based Approach in Fighting Poverty Together, Rio de Janeiro, 2002.

DEMO, P. Participação é conquista: noções de política social participativa. Fortaleza: Ed. da Universidade Federal do Ceará, 1985, p. 67-81.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17º ed, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1987, 184 p.

_____A Pedagogia da Esperança. São Paulo: ed. Paz e Terra, 1999, 245.p.

HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: Heilborn, M.L. (org). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999, p.40-58.

LABONTE, R. A planning framework for community empowerment goals within health promotion. *Health Policy Plan*, Boston, v.15, n.3, p.255-262, 2000.

LOPES, A. O conhecimento escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: Ed. Eduerj, 1999, p.236

MYERS, J. Personal Empowerment. *Journal of the International Federation on Ageing*. v.20, n.1, p. 3-8, 1993.

MINAYO, M. C. O desafio do Conhecimento. *Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Ed. Vozes, 1999, 270 p.

MARTINS. A. Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo, n. 115, p. 207-232, 2002.

MORAES, M. *Ser Humana: Quando a mulher está em discussão*. Rio de Janeiro: DP&ª Editora, 2002, 91 p.

PEIXOTO, C. Solidariedade familiar intergeracional. In: Araújo e Scalon (org). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.225-240.

ROSEMBERG, F. Estudos sobre a mulher e relações de Gênero. In: Miceli, S (org). *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Editora FAPESP, p.205-236, 1993.

SAYÃO, R. Sexo e Educação. *Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*, Niterói, v. 4, n. 1, p. 133 - 150, 2003.

SOIHET, R. *Violência Simbólica: Saberes Masculinos e Representações Femininas*. Florianópolis. *Revista dos Estudos Feministas*. IFCS /UERJ, v.5, n.1, p. 7-30, 1997.

VARGAS, S. *Psicologia do Envelhecimento*. São Paulo: Fundo Editorial Byk-Prociex, 1983, 276

VERAS, R. Perfil demográfico da população idosa no Brasil e no Rio de Janeiro. *Textos sobre Envelhecimento UnATI/UERJ*. Rio de Janeiro, v.6, n.1, p 43-59, 2003.

